



Universidade Federal do Pará
Núcleo De Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural
Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar - NEAF
Programa de Pós-graduação em Agricultura Amazônica - MAFDS

Nº. 025 A construção da paisagem: a importância da natureza na arquitetura colonial até a formação da arquitetura contemporânea

Estefany Miléo de Couto

2011

A construção da paisagem: A importância da natureza na arquitetura colonial até a formação da arquitetura contemporânea

The construction of the landscape: the importance of nature in colonial architecture to the formation of contemporary architecture

Estefany Miléo de Couto¹

Resumo: Este artigo busca apresentar a influência do homem na construção da paisagem urbana, com o objetivo de expor as diversas fases da natureza, desde o período colonial até o contemporâneo, muito embora o conceito de “paisagem” contém diversos significados o importante é o seu entendimento como um elemento que abrange a arquitetura não somente como entorno, mas também como uma peça fundamental na formação da configuração espacial da cidade.

Palavras-chave: Natureza, Arquitetura Colonial, História Ambiental, Paisagem Cultural, Paisagem Natural, Paisagem urbana.

Abstract

This article aims to show the influence of man in the construction of the urban landscape, with the goal of exposing the various phases of nature, from colonial to contemporary, even though the concept of "landscape" has several meanings is important is your understanding as an element that covers not only the architecture and surroundings, but also as a key player in shaping the spatial configuration of the city.

Keywords

Nature, Colonial Architecture, Environmental History, Cultural Landscape, Landscape, Cityscape.

¹ Arquiteta e Urbanista, mestranda em Arquitetura e Urbanismo - Patrimônio, Restauro e Tecnologia - do PPGAU/FAU/UFGA; desenvolvendo a monografia “Casarões de Santarém: Tipologias de sobrados do Centro Histórico de Santarém”, orientada pelo professor Dr. Fernando Marques. E-mail: fany_arq@yahoo.com.br

Introdução²

A origem do homem é de fato tão misteriosa quanto à origem da natureza, porém esses dois elementos se completam. O homem faz parte da natureza, do mundo natural, dos seres vivos, porém com uma diferença peculiar, a capacidade de raciocinar, de reagir ao mundo, uma consciência das suas ações. E desde que essa consciência evoluiu, o homem tentou dominar essa natureza, e isso começa com as primeiras idéias de sobrevivência do homem sobre os elementos da natureza, como a construção de abrigo no caso de chuvas e tempestades, a semente que gera o alimento e o fim da vida nômade, e a manipulação do fogo. Os passos mais importantes para a evolução do homem no seu espaço.

A dominação do espaço natural foi aos poucos sendo conquistada pelo homem, deixando à condição de comunidades “selvagens” para criação de pequenos aglomerados organizados, e logo em seguida se constituía em cidades. O homem deixou de ser apenas um pequeno produtor que cobria as suas necessidades, e começou a obter rendimento sobre tudo que produzia gerando um sistema econômico que atualmente é essencial na sociedade contemporânea, o capitalismo.

A sociedade capitalista que antes chamada de primitiva não possuía um lugar em especial na natureza, pois era parte integrante da mesma, todos os membros faziam as mesmas atividades, porém com essa nova economia se cria as distribuições de atividades, gerando classes, uma nítida separação entre os homens.

Segundo Carvalho (1994, p.29) afirmar que:

O desenvolvimento da sociedade de classes e seu desdobramento espacial, com o advento da cidade e do campo, abriram caminho para que, a partir da consolidação das “distancias” sociais entre os homens, estes pudessem ver pensar e conceituar natureza e sociedade como coisas distintas, isto é, percebessem distancias também entre si e as coisas naturais.

²A ideia desse *paper* nasceu das discussões durante as aulas do doutorado em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA), especificamente na disciplina “História e natureza”, ministrada pela professora Dra. Maria de Nazaré Ângelo-Menezes, do Núcleo de Estudos de Agricultura Familiar (NEAF), que procurou abordar a relação dialética entre a sociedade humana e a sua diversidade natural.

A evolução do homem medieval, que acreditava em tudo que fosse ordenado pela igreja, que concentrava a dominação dos “poderes sobrenaturais” na sociedade, para o homem que buscava conhecimento e a expansão de seu mercado, gera uma nova etapa na história, a era das grandes navegações, épocas marcadas pela intenção de expansão do mercado capitalista, mas também com a intenção de procura de novas terras, “novos mundos”, cheios de tesouros e riquezas para o desenvolvimento do império, e também de uma nova classe que ganhava espaço naquele momento, a burguesia.

A expansão marítima consolidou a formação da burguesia como classe social, uma configuração social que até atualmente é presente na sociedade, e o surgimento de novas cidades, e o conflito entre o homem colonizador, que se considerava superior a sociedade colonizada, primitiva nas terras conquistadas.



Figura 1 – Mapa *Terra Brasilis* do Atlas Miller, 1519.
Fonte: Wikipédia. Biblioteca Nacional da França. 2010.

De acordo com Carvalho (1994, p. 41) afirmar que “os séculos XV, XVI e XVII correspondem ao período em que o capitalismo se afirmou como principal método de produção é claro, do estabelecimento de novas relações de convivência entre as pessoas.”

A construção da paisagem na época da colonização do “novo mundo” era estabelecida de acordo com os ideais europeus, na qual o homem capitalista procurava por novas terras para extração de elementos como minérios e produtos que somente a natureza oferecia aos povos primitivos. Segundo Catão (2008, p. 2) diz que:

A expressão natureza intocada é um mito, o homem se considera um ser superior e, portanto acima da natureza é não como parte integrante da mesma. Desmata, polui degrada tudo em seu próprio benefício sem importar com as repercussões que suas ações trarão a posteriori.

A formação do espaço na colônia não era uma preocupação imediata dos colonizadores, a preocupação inicial era de demarcar suas fronteiras contra os inimigos invasores, evitando que os mesmos se usufríssem dos produtos naturais extraídos. No caso do Norte, mas especificamente Belém, a preocupação portuguesa era os pontos mais estratégicos para a fixação dos fortes, sem a preocupação inicial de que aquele pequeno aglomerado com uma dezena de soldados e uma pequena missão religiosa pudessem originar a maior cidade, naquela época, da região Norte.

Segundo Penteado (1968, p. 95)

(...) encontrou um local excelente para a edificação de um forte, pois agradou-se Castelo Branco de uma ponta de terra, inacessível pelo parte do mar e defendia pela parte da terra por extenso igarapé que nascendo no alagadiço do Piri ia desembocar onde hoje é a doca do Ver-o-Peso. Neste ponto construiu ele um Forte de madeira coberto de palha, material usado pelos franceses no Forte de São Luis do Maranhão, a que denominou Presépio, não só porque aquela ponta alta dava aparência a quem visse da baía de Guajará, como porque partira no dia de natal, do Maranhão.³

Segundo Junior⁴ (2008, p.3) a relação homem-natureza é um fenômeno que vem aparecendo na sociedade em meados do século XX. O fato então recente para a sociedade que

³ Citação de Vianna, Arthur “Monografias Paraenses”, em Revista do Inst. Histórico e Geográfico do Pará, ano 1900, págs. 290 e 291.

⁴ Caio Prado Junior, autor citado na publicação do artigo de Leandro Catão, referenciando na bibliografia.

segundo o historiador norte-americano Warren Dean⁵, cita que “as queimadas e o nomadismo da agricultura proferida por latifundiários, no Brasil do século XIX compreendiam os recursos naturais enquanto recursos inesgotáveis”. E por tal motivo os recursos eram incessantemente explorados, sem uma devida atenção a sua disponibilidade.

De acordo com Catão, “o homem quase nunca se considerou parte da natureza, mas superior a ela, devido a isso sempre a utilizou em benefício próprio.” As discussões sobre os impactos das atitudes do homem colonizador, até o recente momento, estão no debate atual sobre meio ambiente, principalmente sobre as noções sobre o patrimônio ambiental.

A pesquisa começa, portanto a analisar esse momento, o dilema do colonizador europeu na construção do espaço da colônia, e sua interação nesse novo espaço, a concepção do lugar, a definição das vilas e cidades, e ainda a exploração desordenada dos produtos naturais e a produção de uma economia sem nenhuma estrutura que beneficiasse a colônia, mas sim a enriquecida metrópole, e por fim as influências que esses fatos ocasionaram na formação da paisagem urbana colonial até atual paisagem contemporânea.

A paisagem, a natureza e o homem: a criação do espaço

A paisagem possui inúmeros significados e diversos tipos de conceitos, que de qualquer maneira influenciam todos os seres que com ela interagem. No caso do “animal homem” a interação vai além da física, possuem elementos condicionantes e determinantes, como os sentimentos. Esses condicionantes são as experiências humanas, que estão atreladas ao espaço que executam essas ações, conforme Silveira (2009, p.71), afirma que “em toda e qualquer paisagem é um fenômeno de cultura”.

A cultura interfere na natureza modelando-a, de acordo com as suas dimensões físicas, ou seja, temos a cultura como um modelador de uns processos de ações executadas pelo “animal homem” que definiram dimensões morfológicas, e a paisagem cultural seria o resultado dessa complexa interação.

⁵ Idem.

A paisagem é um elemento essencialmente visual, ela depende diretamente da imagem, como afirma Silveira (2009, p.72):

A percepção de paisagem está imersa em um processo cognitivo vinculado ao jogo sutil de adesão as imagens que a mesma suscita, e assim, a uma perspectiva estética, uma vez que toda paisagem implica a presença de uma dimensão sensível e emocional do human.

A paisagem é uma parte integrante do meio ambiente, é uma representação de um universo, é preciso saber interpretá-la, entende-la conforme a sociedade que há representa. Segundo Emilio (2006, p. 30) “o meio ambiente é a realidade complexa resultante da interação da sociedade humana com os demais componentes do mundo natural, no contexto do ecossistema planetário da Terra.”⁶

O ambiente em que se encontra na paisagem pode compor três categorias, como ambiente natural, que é o solo, a terra e a fauna, o ambiente artificial, que é as construções, os edifícios, e o ambiente cultural, são os dois elementos interagindo entre si, os artificiais e os naturais, declarados como patrimônios arqueológicos, artístico, histórico, paisagístico ou turístico.

O lugar é descrito como elemento simbólico da paisagem. È através do lugar que o homem associa as suas lembranças, sentimentos e emoções.

A noção de lugar está associada ao fato do espaço se transformar em um lugar quando recebe um significado específico, e conforme o conhece, cada vez mais será direcionado um valor. A experiência humana que define o que é espaço e o que é lugar, e com isso gerando definições como cita Tuan in Emilio (2006, p.37) “lugar é segurança e o espaço é liberdade.”

A natureza não pode está dissociada da nação de paisagem, pois é uma parte desse elemento, e é através dele que expressa a sua composição tanto artificial com natural e cultural. A paisagem juntamente como a natureza são dinâmicas, e transformam-se com o passar do tempo, de acordo com as ações da sociedade que a cerca.

Segundo Silveira (2009, p. 77) a “paisagem é um paradoxo criativo: complexidade ecossistêmica e produto humano que abarca o sujeito e está além dele, encompassando-o no espaço e tempo.”

A criação do espaço do homem está inteiramente ligada à noção de natureza e a noção de paisagem cultural, pois é o homem que define seu lugar, onde encontram suas raízes, sua cultura, sua identidade, e com isso constrói o seu espaço conforme as limitações da sua natureza originando e evoluindo a definição da sua paisagem cultural.

⁶ Citação de José A. A. Coimbra, “O outro lado do meio ambiente”, cit., p. 33.

A colonização e a definição do espaço urbano

As formações das colônias no Brasil tiveram primeiramente o objetivo de extrair dos produtos naturais que havia em abundância, porém usavam a estratégia de descoberta de novos lugares, das missões religiosas como pacificação e pregação de boas maneiras para justificar a dominação das terras e dos seus primitivos habitantes.

As constantes invasões fizeram com que os colonizadores, começassem a estabelecer suas dominações no território, para estabelecer sua força e garantir suas terras conquistadas. E logo assim os portugueses fizeram segundo Penteadó (1979, p. 95) “tentando ocidentalizar a sociedade primária do vale, Santa Maria de Belém, o primeiro núcleo cristão no extremo norte do Brasil não abriu exceção. Nascerá a proteção do Presépio⁷”.



Figura 2- Mapa da cidade de Belém em 1780.

Fonte: Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial. Goulart. Pg. 270.

A formação das cidades colonizadas possuía uma mesma configuração espacial, um aglomerado em volta das fortificações. No caso de Belém, também se pode afirmar isso, como cita Cruz (1973, p. 47) “Belém apresentava em seus primórdios uma configuração sensivelmente triangular, com vértice no forte, sendo que a praça fronteira a este era o nascedouro comum das ruas principais.”

Os primeiros aglomerados eram constituídos por soldados, e religiosos que estabeleciam naquele espaço a dominação dos portugueses naquelas terras. As primeiras construções se

⁷ Citação do autor Reis, Arthur Cezar Ferreira “Retratos do Belém”, em Novidade, ano I, n.º X, pág. 21.

constituíam de barro e palha, utilizando a matéria prima que se encontrava no local, com base nas construções dos habitantes indígenas.

A configuração urbana das cidades coloniais era baseada nas tradições urbanísticas de uma metrópole médio-renascentista, na qual os lotes eram estreitos e longos, e as frentes das casas constituíam o alinhamento da via pública, sem a presença de calçadas ou pavimentação.

O traçado da rua era conforme a constituição das construções, sem um estudo topográfico ou técnico originando ruas tortuosas e estreitas, com difícil acesso por veículos da época, como carroças ou carruagens.

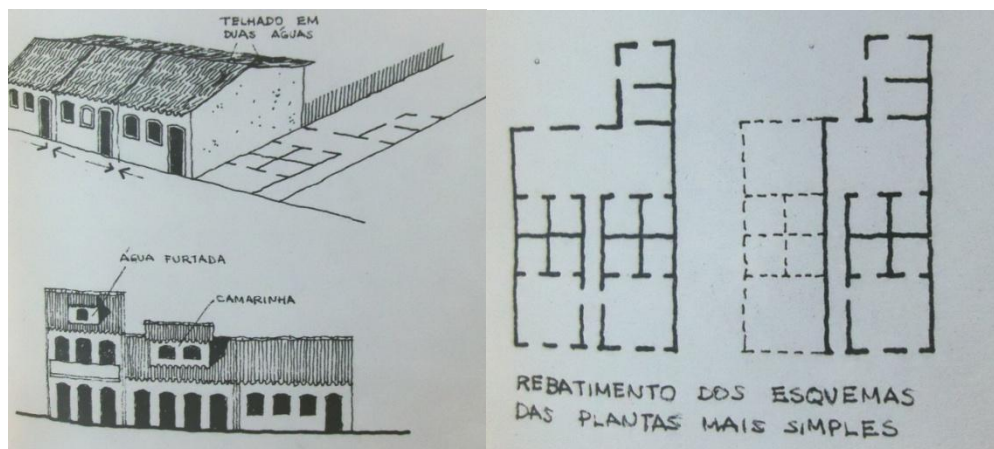


Figura 3 – Tipos da casas construídas na colonização. Figura 4 – Planta de casas coloniais.

Fonte: Quadros da arquitetura. Filho. 1994. p. 31.

A construção do espaço colonial não era uma preocupação dos colonizadores, a única apreensão dos mesmos era manter a paisagem urbana que se formava, ou seja, manter uma aparência portuguesa, como, por exemplo, a composição das aberturas de janelas e portas em quantidades pré-estabelecidas pelas cartas régias, definindo a sua dominação no espaço.

As casas eram construídas após a colonização, ainda se baseiam em técnicas primitivas, com a utilização do trabalho escravo, e como materiais rústicos como barro, madeira, e em alguns casos pedras, porém com a mesma concepção construtiva, como paredes germinadas, casas térreas ou sobrados, e com duas águas na cobertura, e principalmente sem jardins.

A ausência do verde na paisagem urbana das cidades coloniais era evidente, a repetição das construções, era uma concepção de espaço medieval, a presença do verde nas composições urbana configurava a cidade como primitiva, e por isso o aspecto das ruas eram tão singulares e monótonas. Segundo Filho (1994, p. 24) “inexistindo os jardins domésticos e públicos e a

arborização pública, acentuava-se naturalmente a concentração, mesmo em núcleos de população reduzida.”

Na área urbana também se encontravam outros problemas como a falta de abastecimento de alimentos e de água, pois as cartas não permitiam a liberação do espaço para a produção de animais e alimentos, e a produção da colônia era toda voltada para a monocultura açucareira importada para a metrópole. A solução, no caso utilizado pelas famílias mais ostentosas, era a construção de outras moradias, como as Chácaras, que se localizavam em áreas mais distantes da cidade, e que não possuía limite de terrenos, caracterizando latifúndios, e nem critérios para sua definição. Eram essas chácaras que mantinham o abastecimento dessas famílias na cidade, na verdade, as casas urbanas só serviam para ocasiões especiais como festas e eventos, a moradia dessas famílias se localizava nessas terras distantes, na qual se obtinha mais conforto do que na cidade.

Segundo Froehlich in Freyre (2002, p.4) afirma que:

Os elementos centrais na formação social da colonização portuguesa do Brasil eram, para ele, a monocultura, a escravidão e o patriarcalismo. Porém, observa ele, se tivesse que condicionar ou subordinar um elemento a outro, caberia à monocultura latifundiária a primazia, pois mesmo de fundamental importância, a escravidão só veio a se implantar em função desta monocultura açucareira.



Figura 5 - Rua colonial em Ouro Preto. Figura 6 – Aspecto de uma rua colonial em Recife.
Fonte: Documentário Arquitetônico. Rodrigues. 1979. p. 70 e 296.



Figura 7 – Um exemplo de Chácara no século XVI.

Fonte: Sobrados e Mucambos. Freyre, 1968. p. 5.

A produção desenfreada de açúcar na colônia causou uma devastação na paisagem natural, o que atualmente ainda repercute na grande área da floresta atlântica que foi derrubada para a produção dessa monocultura. Segundo Froehlich in Freyre (2002, p.4) “Também a esta monocultura latifundiária, que devastou impiedosamente a cobertura florestal de quase um terço do território, são creditadas as crises alimentares violentas que assolaram a colônia.”

A paisagem natural na colonização era vista como um empecilho para a produção da economia, monocultura açucareira, no caso para maioria das cidades brasileiras, e no caso de Belém, a extração das drogas do sertão, que assim como a produção do açúcar era baseada na exploração dos indígenas e dos negros, ou seja, trabalho escravo, e também para o crescimento urbano, que naquele momento se desenvolvia também deliberadamente, eliminando a natureza do seu entorno.

No século XIX a concepção urbana colonial se transforma por causa da chegada da família real ao Rio de Janeiro, juntamente com profissionais da Missão Cultural Francesa que tinham a função de refinar as construções, transformando-o na nova metrópole. Na implantação de uma nova arquitetura, novas tendências trazidas pela academia, como o Neoclassicismo, abandonando velhas tradições coloniais, como as alcovas, o alinhamento lateral e frontal do terreno.



Figura 8 – Ruas da cidade colonial com diversos estilos.
Fonte: Documentário Arquitetônico. Rodrigues. 1979. p. 166.

As novas construções tinham um pequeno portão de ferro na frente, juntamente com um jardim que isolava a casa da rua, dando mais conforto, o que não se tem nas casas coloniais, e também outros elementos importantes como platibandas para cobrir os telhados, porão alto, que elevava o piso da casa da rua, e janelas balcões, janelas superiores que possuíam uma continuidade na varanda.

Essas alterações aconteceram no país todo, incluindo em Belém, mas teve outros acontecimentos que propuseram essas melhorias na cidade, como a exploração da borracha, que injetou muitos recursos na região, tornando-a uma capital de referencia no norte do Brasil.



Figura 9 – Tipologia de casa colonial. Figura 10 – Tipologia de casas no século XIX.
Fonte: Quadros da arquitetura. Filhos. 1994. p. 41.

No caso a exploração da borracha trouxe para a Amazônia também um desequilíbrio na região, a plantação de seringais era desequilibrada, pois havia a derrubada da vegetação local para a produção desse extrativismo. Apesar do enriquecimento acelerado, do grande desenvolvimento da cidade de Belém, a borracha estava perdendo espaço na produção mundial

por não suprir a demanda, e por tal motivo veio o seu declínio, com a produção de seringais na Índia.



Nesse processo a paisagem natural, tanto no processo da borracha, como na época da monocultura açucareira, a natureza era visto como algo abundante, sem a prévia preocupação da sua importância tanto para a produção econômica, principalmente na produção extrativista em que vivia a região norte, como na composição de um espaço agradável, como os jardins internos e públicos, a arborização pública, os canteiros entre outros elementos que compõem a elaboração de um paisagismo urbano.

A arborização pública começou também no século XIX, com a chegada da Família Real, e foi aos poucos se integrando na composição do espaço urbano, como afirma Farah in Pinheiro (2008, p.5):

A análise histórica denota não apenas a forte influência do paisagismo sobre o desenho urbano, como a sobreposição existente entre esses campos. Além disto, elucida o momento em que a arborização e os elementos vegetais passam a ser compreendidos como elementos estruturadores do espaço urbano, e têm sua força de tal forma adquirida, que passam a definir novas tipologias e estilos de paisagem e desenho urbano.

No século XX começa a expansão industrial, o grande e rápido desenvolvimento industrial entra em vigor nas capitais mundiais, e esse processo necessita de mais matérias-primas, em grande quantidade e num curto espaço de tempo, e com isso gera outra exploração

exacerbada da natureza, entre outros fatores, como o êxodo das comunidades rurais para a cidade na procura de emprego, ocasionando na expansão do espaço urbano em grandes proporções, de maneira irregular, provocando outros problemas ambientais na mesma natureza.

Como cita o autor Macedo (1999, p.16) “é um período de profundas mudanças em nome da modernidade, de grandes projetos e projetistas, principalmente, nos grandes centros, mas também marcado por perdas de um patrimônio arquitetônico e vegetal, da identidade de certos locais e da ruptura da relação homem-natureza.”

Atualmente essa natureza passa por um processo de transformação, na qual a paisagem natural passa a ter uma proteção, com a finalidade de preservar o que resta da sua composição a fim de compor o recentemente se denomina patrimônio ambiental.

A paisagem Atual e o homem: a criação do patrimônio ambiental.

Nos dias atuais, a presença da vegetação dentro dos centros urbanos vem adquirindo extrema importância, pois quebra a artificialidade do meio, além de possuir um papel primordial na melhoria da qualidade do mesmo. Dessa forma, a arborização urbana vem se tornando cada vez mais um agente importante na melhoria do micro-clima local, assim como na diminuição da poluição, sem contar o papel estético inerente ao seu próprio uso.

O problema do mau uso da vegetação pode não ajudar o centro urbano, como afirmar Pinheiro (2008, p.10):

A uniformização da vegetação nos centros urbanos constitui um dos maiores perigos para o equilíbrio ecológico da Terra e deve ser evitada. A diversidade das espécies vegetais é condição básica para a sobrevivência da fauna e o equilíbrio ecológico. As cidades que não diversificarem sua vegetação poderão se transformar em desertos verdes. Cada cidade deveria dar prioridade às espécies nativa da região.

A prática e uso corretos da arborização nos centros urbanos conduzem, de um lado, à transformação morfológica de áreas já ocupadas e, de outro, à incorporação de novas áreas, sob diferentes formas, ao espaço urbano. No caso das grandes cidades, ocorre progressivamente a deteriorização do centro e/ou das áreas centrais, as quais passam a serem ocupadas por casas de diversão noturna, pensões, zonas de prostituição, etc.. A vegetação e tratamento paisagístico podem contribuir para a revalorização desses espaços contemporâneos. Ao mesmo tempo, essa

mesma vegetação pode vir a contribuir para a redução de níveis de poluição atmosférica e sonora, a estruturação de vias e a criação de espaços de identidade e referência na cidade.

A arborização urbana explica-se através da sociedade que a produz. Em outras palavras, pode-se dizer que é um produto da história das relações materiais dos homens e que, a cada momento, adquire uma nova dimensão, específica um determinado estágio do processo de trabalho objetivado e materializado, o qual aparece através da relação entre o construído (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças e parques) e o não-construído (o natural) de um lado e, do outro, o movimento, no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias, como signos que representam momentos históricos diferentes, produzindo assim uma interação entre as vias de circulação e a vegetação da cidade.

A criação do terno patrimônio ambiental veio com a finalidade de suprir uma proteção ao meio natural que continua a sofrer destruição por parte dos seus próprios usuários. A função desse processo não é só oficializar a proteção, mas também conscientizar a sociedade que usufrui dessa natureza, a preservar-la e mantê-la para as próximas gerações. Em virtude disso que Catão (2008, p.36) adverte que:

O patrimônio urbano ambiental é portador de valores: Primeiro cognitivo, quando associados à possibilidade de conhecimento através de suas mais variadas formas, isto é, a informação vinculada pelo objeto; Segundo formais, com suas virtudes estéticas, não naquele sentido universal, mas a sua capacidade de potenciar a “percepção sensorial” Terceiro afetivos, os que incluem as relações subjetivas do indivíduo em sociedade que embutem as cargas simbólicas identitárias de pertencimento; Quarto pragmáticos os que se prestam ao uso altamente qualificado ou a criação tecnológica.

Podemos dizer, então, que o verde urbano reflete um alto grau cultural da sociedade quando esta entende que a vegetação, assim como o solo, o ar e a água, é uma necessidade do cenário urbano. Por fim, somente através de uma prática paisagística consciente poder-se-á contar com um ambiente urbano ao mesmo tempo agradável e eficiente, equilibrando o ambiente tanto para o homem quanto para a natureza.

Conclusão

A pesquisa elaborou estudos sobre a concepção do espaço colonial interagindo com a natureza que o cerca, desde o surgimento do espaço colonial, a sua formação e concepção e por fim a realidade em que se encontra e como é abordada a natureza na atualidade. A intenção da

pesquisa foi expor o grande problema ambiental que o espaço urbano brasileiro, vem enfrentando desde o surgimento das suas primeiras ruas.

Para Ferrara (1988, p.57) entende se que:

Chama-se de o contexto urbano o conjunto de circunstanciais físicos e sociais que interagem num uso, e na maneira de um enunciado, de uma frase, caracterizam um ambiente urbano. É banal dizer que é impossível interpretar o uso do urbano sem o conhecimento das causas e dos efeitos do espaço que o gerou, do valor intrínseco desse uso ou da informação que ele decorrer... portanto, estudar a transformação urbana é estudar memória de usos, que dialogam, ao mesmo tempo, com o passado e o presente, aparentando-se com a tradição e englobando os diversos códigos e princípios de ordenação numa síntese singular.

A construção da paisagem urbana atual está em um processo com a natureza, que não é apenas o meio natural, mas sim tudo que está no seu entorno, um conjunto de elementos que interagem entre si e desenvolvem o conceito de patrimônio ambiental.

Ao que compreender a diversidade do lugar, as práticas sociais, os códigos de conduta, a fauna e flora do outro. A partir do momento que entendo os mapas de significado de um dado lugar, ou seja, o referencial cultural do outro, consigo visualizar a cultura a qual estou inserida, assim compreendo o meio próprio habitat.

A natureza é um elemento importante na composição da paisagem urbana, e as transformações produzidas nesse ambiente natural são resultados das interações da sociedade entre os mais diversos elementos que compõem a sua cultura. A arborização, a produção de um paisagismo na configuração urbana é essencial, pois ajuda na composição de uma paisagem específica e ainda reduz a temperatura e interage com a construção da cultura daquele local.

Os elementos que envolvem a natureza, a paisagem e o homem estão todos interligados a uma rede complexa que origina entre outros elementos, um ponto importante na sociedade atual, como a cultura, portanto, o meio ambiente, tão desprezado pelo homem como um ser apenas para benefício próprio, é muito mais do que uma “matéria-prima”, é na verdade a definição das suas ações, do seu passado ou seja, do seu próprio passado.

Referências Bibliográficas

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; CANCELA, Cristiana Donza. **Paisagem e Cultura: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade.** Belém: Capes, 2009.

- CARVALHO, Marcos de. **O que é Natureza?** 2º edição São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRITO, Adriano Naves de. **A história nos marcos da natureza Humana.** São Paulo: Cadernos de Ética e Filosofia Política, 2009. 7-23 p.
- PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém: Estudo da Geografia Urbana.** 1º edição Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.
- EMILIO, Teresa. **MEIO AMBIENTE & PAISAGEM.** 1º edição São Paulo: Senac, 2006.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadros da Arquitetura no Brasil.** 10º edição São Paulo: Perspectiva, 2004.
- RODRIGUES, José Wasth. **Documentário arquitetônico.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos.** Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio, 1968.
- COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CRUZ, Enersto. **História de Belém.** Belém: UFPA, 1973. (Coleção Amazônia).
- REIS, Nestor Goulart. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial.** São Paulo: USP, 2001.
- FROEHLICH, José Marcos. **A história ambiental e a reurbanização -2002.** Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> acessado: 15 de novembro de 2011.
- CATÃO, Leandro Pena; SANTOS, Tatiane Conceição dos. **História Ambiental a partir do patrimônio urbano ambiental e da prática turística.** 2008. Disponível em : <<http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/pdf/Hist%C3%B3ria%20Ambiental%20e%20Ecoturismo.pdf>> acessado: 15 de novembro de 2011.
- PINHEIRO, Jairo Augusto Nogueira– **Arborização Urbana- meteorologia.** 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/arborizacao-urbana/9812/>> acessado: 15 de novembro de 2011.